



Ano 2, Número 2 Março/2019

CAMINHOS ESTRATÉGICOS DE MERCADO

A LENTA RECUPERAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO

CAMINHOS ESTRATÉGICOS DE MERCADO

A LENTA RECUPERAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO

NESTA EDIÇÃO

- 1. Desemprego recente no Brasil*
- 2. Optantes pelo Simples e o atendimento do Sebrae/AL*
- 3. Notícias Setoriais: o produto real e a capacidade de arrecadação do Estado*
- 4. Artigo do Mês*
- 5. Painel Brasil*
- 6. Painel Alagoas. Um resumo da socioeconomia alagoana*
- 7. Expediente.*

DESEMPREGO RECENTE NO BRASIL E A DIFÍCIL E LENTA RECUPERAÇÃO DE UM DOS MAIS IMPORTANTES INDICADORES DA ECONOMIA

Na penúltima semana de fevereiro o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) publicou o balanço do nível de emprego e desemprego no país – e os números não são alvissareiros! O desemprego medido como decorrência da crise político-institucional e econômica, é o maior dos últimos sete anos para 13 capitais do país (ver tabela abaixo).

Capital	Taxa média de desocupação anual nas capitais em 2018	Colocação
Macapá (AP)	18,2%	1º
Manaus (AM)	18,1%	2º
Maceió (AL)	16,7%	3º
São Luís (MA)	16,4%	4º
Aracaju (SE)	16,4%	5º
Recife (PE)	16,3%	6º
Salvador (BA)	16,1%	7º
São Paulo (SP)	14,2%	8º
Rio Branco (AC)	13,9%	9º
Palmas (TO)	13,7%	10º
Porto Velho (RO)	13,7%	11º
Teresina (PI)	13,6%	12º
Natal (RN)	13,5%	13º
Belém (PA)	13,4%	14º
Brasília (DF)	12,7%	15º
Rio de Janeiro (RJ)	12,6%	16º
Belo Horizonte (MG)	12,5%	17º
Vitória (ES)	12,5%	18º
Boa Vista (RR)	12,4%	19º
João Pessoa (PB)	11,9%	20º
Fortaleza (CE)	10,8%	21º
Cuiabá (MT)	10%	22º
Porto Alegre (RS)	9,5%	23º
Curitiba (PR)	9,4%	24º
Goiânia (GO)	7%	25º
Campo Grande (MS)	6,6%	26º
Florianópolis (SC)	6,5%	27º

Fonte: IBGE

Ainda segundo o IBGE, 19 capitais do país tiveram índice de desemprego maior que a média nacional, que foi de 12,3% em 2018. Dentre as três capitais que tiveram o maior índice de desocupação, Maceió, com uma taxa de 16,7%, está entre elas. As outras duas são Macapá (18,2%) e Manaus (18,1%): o grupo 3M!

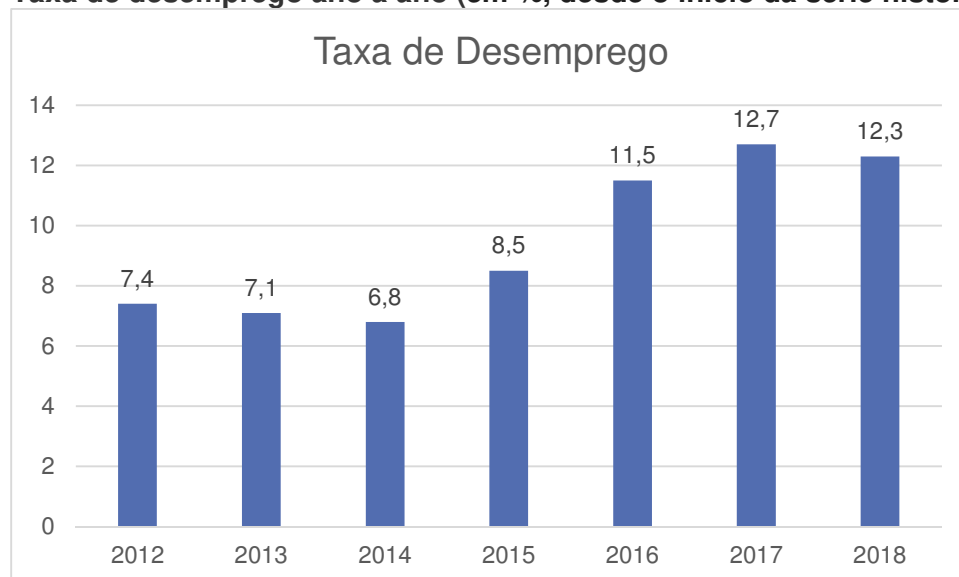
Colocando no nível regional, Maceió é a capital com a maior taxa de desocupação do ano passado do Nordeste. A pesquisa nos coloca em outro ranking de dificuldades: Maceió está entre as capitais que tiveram recorde de desemprego em 2018. As outras capitais deste ranking são: Porto Velho (RO); Boa Vista (RR); Belém (PA); Macapá (AP); Teresina (PI); João Pessoa (PB); Recife (PE); Aracaju (SE); Vitória (ES); Rio de Janeiro (RJ); São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS).

A taxa de desocupação média em 2018 caiu em 18 (MT; TO; MG; CE; GO; MS; RS; SC; PR; SP; ES; PE; PB; RN; PI; PA; AM e AC) dos 27 Estados. O Estado de Alagoas (17,0% de taxa média de

desocupação da mão de obra; 2º pior colocado) está no grupo com as maiores taxas médias anuais, juntamente com: Amapá (20,2%); Pernambuco (16,7%) e Sergipe (16,6%).

O fechamento do desemprego no Brasil como um todo ficou em 12,3% em 2018 ante uma taxa de 12,7% em 2017; um recuo de 0,4% e com tendência de queda para os próximos períodos. Mesmo com a possibilidade de recuo, a taxa é muito expressiva para o país, representando um total de 12,2 milhões de brasileiros. Analisando por regiões, o Nordeste (14,9%) e o Sudeste (12,9%) tiveram uma taxa de desocupação maior que a média nacional (12,3%); enquanto que o Norte (12%), o Centro-Oeste (9,4%) e o Sul (8%) tiveram índices menores que a média do país.

Taxa de desemprego ano a ano (em %, desde o início da série histórica)



Fonte: IBGE

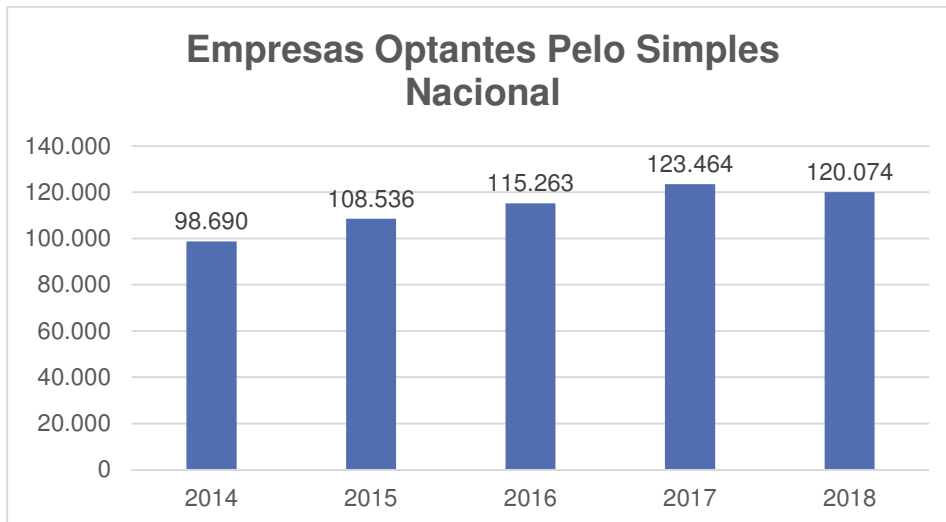
Outro dado preocupante é o número de trabalhadores com carteira assinada. Neste quesito, os dados apontam que está havendo uma queda no número de trabalhadores formais. As regiões Nordeste, Sudeste e Sul tiveram pior resultado com as piores taxas nos últimos 07 anos e entre os Estados, 13 deles apresentaram o menor número em 07 anos – e Alagoas, mais uma vez, está entre eles! Seis Estados apresentaram ainda o menor contingente de pessoas ocupadas em 2018. São eles: Amapá; Maranhão; Sergipe; Bahia; Rio Grande do Sul e Alagoas.

Dentre outras análises, vale a pena registrar uma grande preocupação: o crescimento do desalento no país. Esta taxa representa aquelas pessoas que estão desempregadas, não conseguiram uma colocação e desistiram de procurar emprego. Entre os Estados brasileiros que apresentaram as maiores taxas de desalento estão Alagoas (16,4%) e Maranhão (15,7%), enquanto que o Rio de Janeiro (1,1%) e Santa Catarina (0,8%) apresentaram as melhores taxas.

Optantes pelo Simples e o Atendimento do Sebrae/AL

O Estado de Alagoas vem registrando um lento e gradual incremento no número de empresas optantes pelo Simples nos últimos anos. Conforme o gráfico abaixo, a recuperação a partir de 2014 tem sido constante, porém com uma interrupção em 2017, fruto da exclusão de mais de 17 mil empresas da base pela RF porque estavam em débito com o Simples.

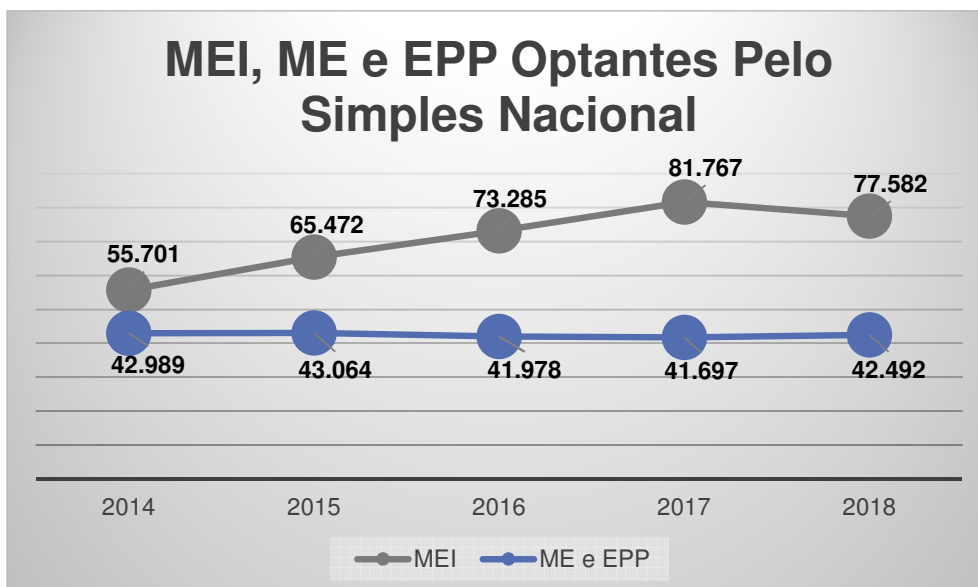
Gráfico 1: Empresas optantes pelo Simples Nacional em Alagoas



Fonte: Receita Federal, 2019

Ao decompor as empresas por porte entre MEI, ME e EPP, chegamos ao gráfico 2 onde é possível observar o movimento de maior redução no grupo das microempresas individuais.

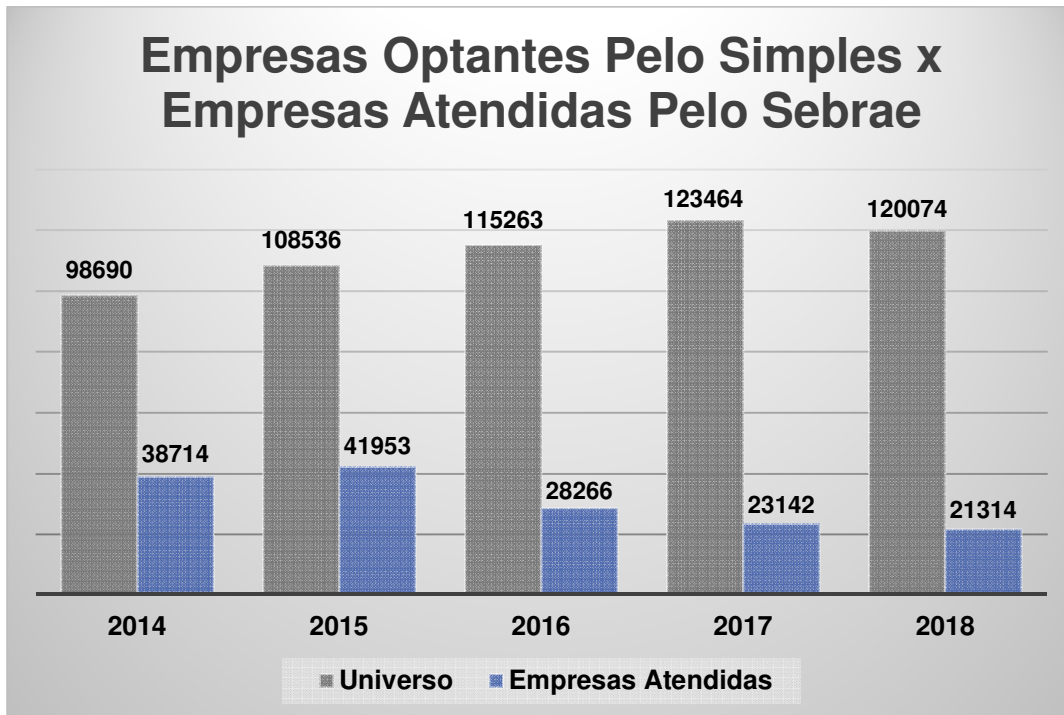
Gráfico 2: Empresas optantes pelo Simples Nacional em Alagoas, por porte



Fonte: Receita Federal, 2019

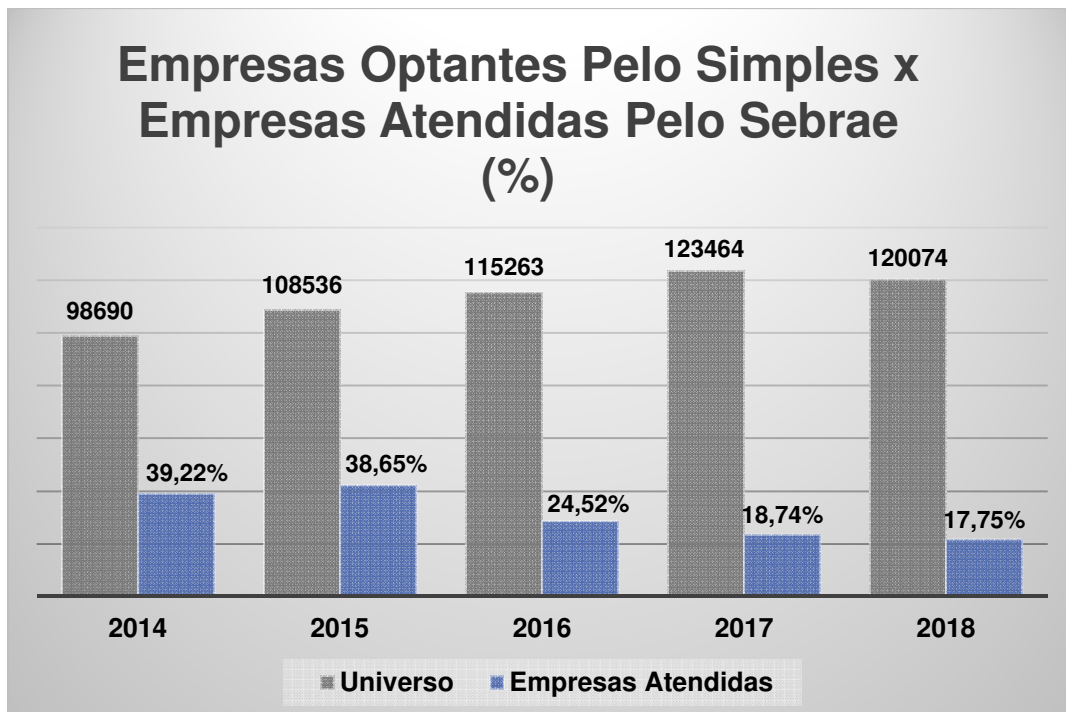
Por fim, o gráfico 3 apresenta a proporção de empresas atendidas pelo Sebrae/AL daquelas optantes pelo simples desde 2014 (o gráfico 4, apresenta os mesmos números em valores percentuais). No primeiro ano da série o Sebrae/AL atendeu aproximadamente 39% das empresas optantes pelo Simples, enquanto que em 2018 este percentual diminuiu para aproximadamente 18%.

Gráfico 3: Empresas optantes pelo Simples Nacional em Alagoas, atendidas pelo Sebrae/AL



Fonte: Receita Federal, 2019

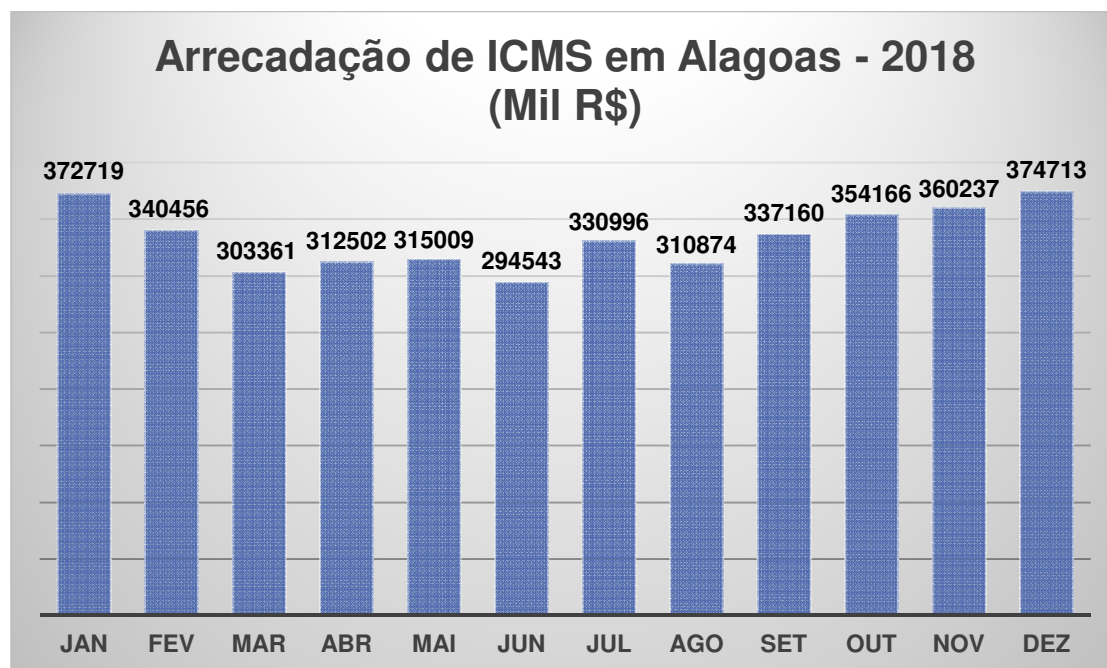
Gráfico 3: Empresas optantes pelo Simples Nacional em Alagoas, atendidas pelo Sebrae/AL (%)



Balanço Setorial

Perspectivas de crescimento da economia e a capacidade de arrecadação do Estado

O crescimento da economia nos últimos anos de 2,94%, quase três vezes o crescimento da economia nacional, está cristalizado no setor agrícola (mais de 19% em termos de valor agregado contra 13% do país), seguido pelo setor de serviços (1,83%, que conta com a maior alta no segmento de comércio, com alta de 7,06%). Na lado da indústria, porém, o Estado apresentou uma queda em seu resultado anualizado de 3,89%, como consequência da redução das atividades da construção civil, do setor sucroenergético e na redução das disponibilidades de crédito para novos investimentos. O lado da arrecadação de ICMS em Alagoas apresentou em crescimento de mais de 8% em todo o ano, com um montante arrecadado de mais de R\$ 4 bi, o maior volume da história. A tendência de redução na abertura de empresas no Estado, porém, pode sinalizar um certo esgotamento da capacidade arrecadadora do governo, caso novas ações de incremento do produto local não sejam implementadas em 2019. O crescimento vegetativo da economia alagoana não parece suportar incrementos na eficiência de arrecadação local.



Fonte: Sefaz.

Artigo do Mês (*Gustavo Hector, estagiário UGE)

Inovação Frugal: A riqueza na base da pirâmide*

Quando pensamos em inovação, é normal pensarmos logo em produtos disruptivos e, pelo menos no começo, caros, de modo que apenas as classes mais altas costumam ter acesso.

Porém, um tipo de inovação, que está se popularizando nos últimos anos, muda um pouco esse paradigma. É a chamada Inovação Frugal.

Frugal significa algo que é simples e econômico, que evita desperdícios e esbanjamentos que não são, de fato, necessários. A inovação frugal parte do princípio que, em certos produtos, há algumas funções que não são usadas, mas que aumentam o preço final do mesmo. Nesse caso, ao retirar essas “extravagâncias”, o produto pode se tornar mais barato, porém, sem perder a sua função principal.

As empresas que fazem esse tipo de inovação, buscam principalmente a “base da pirâmide”, que são as pessoas que possuem um poder aquisitivo menor. No entanto, essa população é a grande maioria da população brasileira, podendo, assim, os preços mais baixos serem compensados com a quantidade de consumidores que irão comprar esse produto.

Um grande exemplo de inovação frugal é a Moderninha, máquina de cartão de baixo custo da PagSeguro, que trouxe diversas vantagens para os micro e pequenos empreendedores que não aceitavam cartão como forma de pagamento devido aos custos das máquinas antes existentes.

Dentre os fatores que deixaram a moderninha mais acessível, comparada às concorrentes, estão o fato de que ela não é alugada, e sim, adquirida pelo usuário. Ela também não tem bobina de papel, enviando a nota fiscal por sms para o cliente. Não que o custo do papel seja alto, mas o custo de distribuir as bobinas para vários consumidores era considerável, e, conseqüentemente, era acrescentado ao preço do aluguel da máquina.

Devido a esses “cortes”, agora manicures, lojinhas de bairro, entre outros estabelecimentos podem dizer “aceitamos cartão”, aumentando, conseqüentemente, o número de clientes.

Outro exemplo de inovação frugal é o tanquinho de lavar roupa, que é menor tem algumas funções a menos do que a máquina de lavar, mas, em compensação, possui um preço menor e mais acessível à maioria da população.

A existência desse tipo de inovação é importante principalmente em países considerados subdesenvolvidos, em que há grande predominância de pessoas nas classes média e baixa, pois pode fazer com que eles possam adquirir produtos que antes só eram acessíveis às pessoas que possuíam uma renda maior, aquecendo, assim, a economia.

A questão chave da inovação frugal não é fazer algo que ninguém nunca tinha visto antes, mas sim tornar acessível certos produtos que antes só eram possíveis de serem adquiridos pelas classes mais altas.

Na maioria das vezes o que a economia precisa é de um empurrão de tecnologias já existentes em uma nova combinação, para resolver problemas do cotidiano das pessoas de renda mais baixa. Ou seja, é a inovação incremental ajudando a resolver problemas reais. As pequenas empresas têm, portanto, uma importante trilha a seguir quando se pensa em inovação: observar os problemas não resolvidos da população de baixa renda e desenhar produtos adequados (em tecnologia e custos) para resolvê-los. Uma equação simples e possível que pode ser apoiada por centros de pesquisa e de tecnologia!

PAINEL DE INDICADORES: BRASIL E ALAGOAS

Principais Indicadores Econômicos – Brasil

Descrição	2015	2016	2017	2018	Último Dado	Previsão Focus (BCB) 2019
I – Atividade Econômica						
PIB real (%)*	-3,8	-3,6	1	1,4	3º tri/2018	2,48
Produção industrial (%) *	-8,30%	-6,60%	2,50%	1,10%	dez/18	2,90
Comércio Varejista (var. volume vendas) *	-4,3	-6,2	2	2,6	nov/18	-
Taxa Desocupação (PNAD contínua)	9	12	11,8	11,6	out/nov/dez**	-
II – Inflação						
IPCA (%)*	10,7	6,3	3	3,8	dez/18	3,85
IGP-DI (%)*	10,7	7,2	-0,5	7,6	dez/18	4,05
III – Juros e Câmbio						
Selic (%)	14,25	13,75	7	6,5	dez/18	6,5
TJLP (%)	7	7,5	7	7,03	jan/fev/mar	-
R\$/US\$	3,9	3,25	3,3	3,74	22/02/2019	3,70
IV – Setor Externo						
Balança Comercial (US\$ bilhões)*	19,7	47,72	66,99	60,6	dez/18	51,00
Investimento Estrangeiro Direto (% PIB)*	4,2	4,4	3,4	4,7	dez/18	-
Reservas Internacionais (US\$ bilhões)	356,46	372,22	381,97	378,10	21/02/19	-
V – Crédito (SFN)						
Taxa de Juros (% a.a.)	29,8	32	25,6	23,3	dez/18	-
Inadimplência (%)	3,4	3,7	3,2	2,9	dez/18	-

*Acumulado em 12 meses; ** Trimestre Móvel

Painel Alagoas

Indicador	Valor
Taxa de analfabetismo entre jovens e adultos (IBGE, PNADC, 2017)	18,20%
Escolaridade média da população adulta (IBGE, PNADC, 2017)	7,1 anos
Taxa de desemprego (IBGE, 2017)	17,20%
Renda domiciliar per capita	R\$ 658,00
Geração nem nem nem (nem trabalha, nem estuda, nem procura emprego) (IBGE, 2018)	26,35%
Índice de Gini* (IBGE, 2018)	0,46
PIB (bilhões) (IBGE, 2017)	R\$ 37.223
PIB per capita	R\$ 13.422
IDH-M** (IBGE, 2016)	0,667
IPC (junho/18) (Alagoas em Dados, 2018)	0,65%

Expediente Boletim Caminhos Estratégicos de Mercado – UGE

Presidente do Conselho Deliberativo

José da Silva Nogueira Filho

Diretor Superintendente

Marcos Antonio da Rocha Vieira

Diretor Técnico

Ronaldo de Moraes e Silva

Diretor de Administração e Finanças

José Roberval Cabral

Gerente da Unidade de Gestão Estratégica – UGE

Fabírcia Carneiro Fernandes

Equipe UGE

Fábio Leão (conteúdo)

Isadora Barros

Geanne Daniella

Sandra Vilela

Júlio Enders

Colaboração

Gustavo Vieira (estagiário)

Mariana Cruz (estagiária)